

INCENTIVANDO O ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO

Lívia Manhani Grisante De Azevedo¹
Gislaine Rodrigues De Campos¹
Juliana Ramos Leones Tassinari²

Amamentar é muito mais do que nutrir a criança. É um processo que envolve interação profunda entre mãe e filho, com repercussões no estado nutricional da criança, em sua habilidade de se defender de infecções, em sua fisiologia e no seu desenvolvimento cognitivo e emocional, e em sua saúde no longo prazo, além de ter implicações na saúde física e psíquica da mãe¹.

Apesar de todas as evidências científicas provando a superioridade da amamentação sobre outras formas de alimentar a criança pequena, e apesar dos esforços de diversos organismos nacionais e internacionais, as prevalências de aleitamento materno no Brasil, em especial as de amamentação exclusiva, estão bastante aquém das recomendadas, e o profissional de saúde tem papel fundamental na reversão desse quadro. Mas para isso ele precisa estar preparado, pois, por mais competente que ele seja nos aspectos técnicos relacionados à lactação, o seu trabalho de promoção e apoio ao aleitamento materno não será bem sucedido se ele não tiver um olhar atento, abrangente, sempre levando em consideração os aspectos emocionais, a cultura familiar, a rede social de apoio à mulher, entre outros¹.

Esse olhar necessariamente deve reconhecer a mulher como protagonista do seu processo de amamentar, valorizando-a, escutando-a e empoderando-a¹.

O aleitamento materno costuma ser classificado em: exclusivo quando a criança recebe somente leite materno, direto da mama ou ordenhado, ou leite humano de outra fonte, sem outros líquidos ou sólidos, com exceção de gotas ou xaropes contendo vitaminas, sais de reidratação oral, suplementos minerais ou medicamentos; predominante – quando a criança recebe, além do leite materno, água ou bebidas à base de água (água adoçada, chás, infusões), sucos de frutas e fluidos rituais; materno quando a criança recebe leite materno (direto da mama ou ordenhado),

¹Docente do Centro Universitário de Várzea Grande – UNIVAG.

independentemente de receber ou não outros alimentos; complementado quando a criança recebe, além do leite materno, qualquer alimento sólido ou semissólido com a finalidade de complementá-lo, e não de substituí-lo; misto ou parcial quando a criança recebe leite materno e outros tipos de leite².

Recomendado por dois anos ou mais, sendo exclusivo nos primeiros seis meses. Não há vantagens em se iniciar os alimentos complementares antes dos seis meses, podendo, inclusive, haver prejuízos à saúde da criança, pois a introdução precoce de outros alimentos está associada a: maior número de episódios de diarreia, maior número de hospitalizações por doença respiratória, risco de desnutrição se os alimentos introduzidos forem nutricionalmente inferiores ao leite materno, menor absorção de nutrientes importantes do leite materno, como o ferro e o zinco, menor eficácia da amamentação como método anticoncepcional e menor duração do aleitamento materno³.

No segundo ano de vida, o leite materno continua sendo importante fonte de nutrientes³.

Já está devidamente comprovada, por estudos científicos, a superioridade do leite materno sobre os leites de outras espécies. São vários os argumentos em favor do aleitamento materno, tais como: evita mortes, diarreia, infecções respiratórias; diminui os riscos de alergias, de hipertensão, colesterol e diabetes; reduz a chance de obesidade, melhora a nutrição e desenvolvimento da cavidade bucal; menos custo financeiro, promove o vínculo mãe e filho; melhora a qualidade de vida; evita nova gravidez e protege contra o câncer de mama⁴.

A escolha da temática se deu em razão do estudo da área de abrangência da equipe 6 da USF Maria Galdina da Silva, uma vez que observamos um grande número de gestantes. Estas foram identificadas e retratadas no mapa inteligente juntamente com o auxílio das Agentes Comunitárias de Saúde (ACS) dessa equipe.

Portanto, o fornecimento de informações à essas gestantes sobre os benefícios do aleitamento materno contribuíram para uma maior adesão ao aleitamento materno exclusivo, promovendo qualidade de vida às puérperas e aos recém nascidos.

O Projeto teve o objetivo de conscientizar as gestantes quanto a importância do aleitamento materno, ressaltando os benefícios do aleitamento materno exclusivo até os seis meses e explicando a forma correta de amamentar.

Realizou-se uma dinâmica expositiva sobre os tipos de aleitamento materno, seus benefícios, forma correta de amamentar e as possíveis intercorrências durante este

processo na USF Maria Galdina da Silva em Várzea Grande – MT. Os usuários foram convidados pelas Agentes Comunitárias de Saúde.

A palestra expositiva teve foco na compreensão sobre o que é a aleitamento materno, quais os tipos de aleitamento, a importância deste processo tanto para a puérpera, quanto à criança, as possibilidades de intercorrência devido ao manuseio incorreto e os benefícios do aleitamento.

Utilizou-se como recurso de multimídia com figuras exemplificativas a respeito dos tipos de aleitamento materno e o boneco modelo do Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG) para demonstrar a pega correta do bebê na hora do aleitamento.

Ao final, as usuárias e os profissionais da respectiva USF fizeram uma roda de conversa, na qual trocaram experiências e tiraram muitas dúvidas sobre aleitamento materno, sendo perceptível que uma das principais preocupações era sobre a pega correta da criança na mama.

Referências Bibliográficas:

1. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde da criança: aleitamento materno e alimentação complementar. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2015. 184 p: il. – (Cadernos de Atenção Básica; n. 23)
2. Organização Mundial de Saúde; Fundo das Nações Unidas para a Infância. Estratégia global para a alimentação de lactentes e crianças de primeira infância. São Paulo: IBFAN Brasil, 2005.
3. Ministério da Saúde (BR). Saúde da criança: crescimento e desenvolvimento. Brasília: Ministério da Saúde; 2012. (Cadernos de Atenção Básica; n. 33).
4. Tratado de Pediatria: Sociedade Brasileira de Pediatria, 4ª edição, Barueri, SP: Manole; 2017.